

Viola de
Amor

VIOLA DE AMOR

outros poemas



bandeira tribal

Bandeira
tribal

VIOLA DE AMOR

e

outros poemas

bandeira tñibuzi

CANTAR

Cantar de puro amor! Cantar de vivo
amor e violento sentimento!
Deixar, um pouco, o frio pensamento
ser dobrado ante o coração esquivo.

Cantar de coração - doce moíno
que o vento do amor desassossega
e onde o trigo de amar se verte em fino
filtro de amor que ao mais atento cega.

Cantar como se a voz fora uma fonte
e o peito de onde jorra um alto monte
e tu foras a boca sequiosa...

Cantar pelo que vem de teu encanto.
Para que, no espelho de meu canto,
te vejas como és - nítida rosa!

FORTE INCESSANTE

Fonte incessante do amor, cantando
em mim, a cada instante, docemente,
tenhas tu um rumor de água corrente
por entre brandas margens deslizando

e chegues onde, suave e posta a mente
em coisas que são de se estar sonhando,
ELA tem seu repouso e está contando
ao silêncio o que só a amada sente.

Fonte incessante do amor, desfia
o fio puro da canção que, um dia,
no monte de meu peito cresce, ondeia

Suave
e ~~como uma~~ ribeira mansa e clara
vai até onde, descuidada, a rara
pastora seus cuidados pastoreia.

2 Sonetos

Bandeira Trubusi

I

Em mim resides, pequenina ave,
em minha casa doce como um ninho.
Árvore entregue ao vento, me balançam
os ventos quando, em berço convertido

te embalo ao som do rio que dissolvo
em mim, para que, barco feito o berço,
nas ondas continue o movimento
para o país do sonho endereçado.

Vai, ondulante, ao som que, claro, teço,
infante corpo de menina onde
se guarda a melodia que responde

á voz que para ti chega em espuma:
azul som de trombeta além da bruma,
apelo na distância que te esconde.

Fosse eu o mar, com fúria te amaria
e em ondas de ternura te afogara.
Fosse eu o mar, oh minha doce amiga,
e com músicas largas te ninara.

Fosse eu o mar e em conchas te daria
a água da ternura pura e rara.
Fosse eu o mar - teus sonhos embalara
entre o azul e a úmida alegria.

Fosse eu o mar... Ou fosse uma floresta,
no tronco de meu braços te prendera,
de folhas te adornara e, à viva festa

dos cheiros materiais, os teus cabelos
se fariam mais úmidos e belos!
Mas que sou eu, o' minha primavera?

Maduro está o mês, maduro teu
sorriso manso e doce, tão maduro
como teu ventre puro, como o céu
tão longamente azul, sereno e puro.

Maduro está o vento, que tangeu
o navio das nuvens e o obscuro
país do sonho irrompe e vem de seu
esconderijo florir, vencendo o muro.

Nossas palavras são maduro trigo,
maduro está o meu olhar de amigo,
o silêncio é maduro e a canção.

Maduro o amor em nós é re florida
safra crescendo farta quando a vida
amadurece em nosso coração!

MATERNIDADE

E, novamente, tuas mãos pequenas
repousam em teu ventre acariciando -
Ó chão da vida! - mansas e serenas,
a vida que da vida vem brotando!

E, novamente, teu olhar amigo
fala de coisas com que está sonhando
e o sonho vem de teu sorriso brando,
brandamente, até mim, brincar comigo.

E novamente já não és apenas
a amada das morenas mãos serenas:
com ramos de carinhos enfeitada,
de beijos como flores revestida
que serão fruto, és mãe - raiz sagrada,
prodigiosa árvore da vida!

SAUDADE MARINHA

E entre nós era o mar. O mar perdido,
longínquo, soluçante, ilimitado
e azul, como a canção de ser ~~amado~~
e longo como o olhar em ti vertido.

Das nuvens o navio desmedido
aumentava a distância e o som magoado
do mar adivinhado era o gemido
que em teu longo silêncio havia dado.

O mar sem termo, cessa tuas ondas
e o distante horizonte e esta ~~amargura~~
e este verde soluço de ansiedade,

até que sua música responda
e eu reconheça a voz amiga e pura
vencendo a maré alta da saudade.

Umido vento que te vens do mar,
que palavra de amor trazes contigo?
- "Umido trago em mim claro cantar
que a doce amiga envia a seu amigo".

E tu, ó coração-leão do mar,
que soluço de mar gemes na areia?
- "Recados que manda a virgem sereia
para o senhor ditoso por amar."

Voltaí então na madrugada pura,
levaí meu coração e esta canção
à senhora rainha da amargura.

Beijaí a areia que seus pés pisaram
e a praia onde saudosos demoraram
seus olhos de menina sem ventura.

II

Dizei-lhe que outras praias assistindo
vão às minhas saudades e tristezas.
Dizei-lhe que ondas vejo vindo e indo
carregadas das mesmas incertezas.

Mas contai-lhe também que seu pastor
tem à doce pastora preparado
rebanho de carícias e de amor
qual jamais outro igual foi pastoreado.

Contai-lhe como a espera desespera
a quem o coração sente ferido.
Falai-lhe da infinita primavera

que aguarda seu olhar entristecido:
tanta alegria que fora quimera
não lhe tivera eu oferecido.

O silêncio pende, fruto
maduro, de tua boca.
Com fome desse silêncio
a minha boca estremece.
Ó pomo delicioso
que tem gosto de segredo
e se desfolha em meus lábios:
puro malmequer de vida!

Volto a ser de minha infância
para sonhar que te ouvi
desbrochando cantigas
que fazem parar as coisas.

Volto a ser de minha infância
para furtar teu cabelo
que era ruivo e se fez negro,
maduro do meu olhar.

Volto a ser de minha infância
e sonho que te sonhei
e eras a pétala mansa
que nas minhas mãos achei.

RIMANCE

O' lucida menina, amanhecida
na vida que, perdida, decorria.
Sorria o claro dia!, apetecida
luz, que da minha vida se fez guia.

O' clara, inesperada rosa amada
que dada e consagrada me vieste -
- só neste canto agreste vais cantada
pois nada mais a fada me concede.

Se fora água sonora este meu canto,
e tanto que ^o encanto te embalasse,
tua face beijaria em acalanto.

Mas, se isto não consigo, sem disfarce,
apenas nas serenas tuas mãos
deposito ,ferido, o coração.

SÔBRE O AMOR

SEM DESFALECIMENTO

Se te contemplo, recordo
o tempo em que te sonhei
e, sonhada, vens a bordo
de meu sonho, na amurada,
permanecendo inventada
já depois que te toquei.

Guardas, de vires sonhada,
maior beleza real.

Debruçada na amurada,
viajas no desigual
meu sonho, por sôbre as águas
do tempo ondulado em mar.

Real, do sonho surgindo,
longe do mar e navio,
teu corpo fico sentindo
tão puro como se viu
no sonho (de que mar vindo
como nenhum existiu?).

Assim sonhada e presente,
tens a graça dividida
que nunca ninguém consente
de formas perto da vida,
da forma real, tangente
à forma irreal tangida.

Por isso, de meu amor
meu próprio amor não se cansa
pois a forma exterior
ao presentir que se alcança
se reveste da maior
jamaiz tangível distância.

Sonhada, surge molhada
do mar de sonhar teu vulto,
debruçada, na amurada,
no sonhado mar oculto:
fingindo a forma inventada
de que meu desejo nutro..

De sonhar-te com ternura
em tantos anos a fio
foi que tua face pura
de meu sonho assim surgiu:
corpo de mulher madura
que meu carinho sentiu.

E, ao amar-te, vou lembrando
que meu amor não se cansa
de beijar teu gesto claro
que se alcança (e não alcança)
pois se teu corpo sonhado
consigo aquém da esperança
já me foge, desejado,
teu ser real na distância.

OFERENDA

Aqui, o homem que sou
em latitudes terrestres,
te dirá o que te dou
em paga do que me deste:
te contará o que sou
despido de falsas vestes:

Apenas um homem rude
à margem dos rudes dias.
Coração que não se ilude
com falsas mercadorias
e a quem não dói a atitude
das impuras mãos vazias.

A altura do pensamento
conservada em sua altura.
Nenhum falso sentimento,
pesar das manchas impuras,
e toda a beleza ausente
da (um pouco triste) figura.

Apenas um homem que
não se perdoa imperfeito,
sabendo a loucura de
se pretender sem defeito
e escondendo para si
a dor que leva no peito.

Um homem que vê a vida
com a pequena coragem
de a olhar assim despida,
assim ríde, assim amarga,
tendo a vida repartida
pelos irmãos de viagem.

Um homem que apenas sabe
que viver é um dever
de estar presente e não cabe
a homens vivos descrever
da vida se não lhe agrade
a que o destino lhe der.

Um homem: esta palavra
e o que ela tem de amargura,
de trazo, desesperada
raiz de certeza e dúvida,
encontros e desencontros,
sol e tristeza noturna.

Eis o que sou, alegria
deste que sou, homem rude
à margem dos rudes dias,
coração que não se ilude
com falsas mercadorias
e a quem não dá a atitude
das impuras mãos vazias.

doi

Se é isto um homem verdadeiro
em tuas mãos o tens inteiro!

CANTIGA

A minha guitarra
se chama poesia
e esta serenata
é quanto sabia
minha mão errada,
ó senhara minha!

Te sonho na alta
janela do amor
escutando em calma
o canto melhor
que em minha garganta
consigo compor:

que importa meu canto
seja pobre e tímido
se, com teu encanto,
tu paras a ouvi-lo?
O melhor dos cânticos
ficará comigo -
- suave, impreciso.

CANÇÃO

Uma canção
para dizer tudo o que sinto.
Essas palavras - onde estão? -
que ainda não soube mas pressinto
para dizer, na exatidão,
o que é paixão e o que não
cabe nas palavras que minto?

Vem, poesia,
com tua melodia pura.
Esta alegria, esta alegria
se alguém a ouvisse na altura
diria que uma estrela caía
tangendo tímpanos de pura
prata de lei que não havia.

Meu pequenino
coração, corre bem veloz
pelos campos do desatino.
Se isto é destino, minha voz,
canta o maravilhoso destino
que um deus menino
deixou escorrer sobre nós.

Pérola fina
da madrugada que fizemos,
tomba nas mãos dessa menina,
rosa do longe que tivemos -
- um arco-íris se define
a cor do amor reito de extremos
em suas mãos, pérola fina.

Se amor existe
é este amor, meu cordeirinho
que de alva neve me surgiste
ao contato de meus carinhos.
Antiga flor dormente e triste,
que te desperte o doce vinho
do meu amor que consentiste!

que direi mais?
Palavras loucas, vinde em festa,
dançai de roda as imortais
pequeninas danças de gesta
e sua fronte corçai
de flores puras da floresta:
Que minha amada
alva eu a vi, na madrugada!

Menina e moça foste nos meus sonhos
para desabrochar em minha vida:

Ó doce e pura pétala florida!

Menina e moça, teus cabelos soltos
eram árvore mansa de alegria.

Ó rio melodioso de água límpida!

Menina e moça foste nos meus braços
a mais clara colheita recolhida:

Ó trigo amado da melhor espiga!

Menina e moça, vejo que nasci
para banhar teu corpo de carícias
suaves, mansas, leves e tranquilas.

Ó terra fértil que desabrochei,
ó rio de ternura! Ó pequenina

rosa de outubro a quem todo me dei
para ganhar, contigo, a maior vida!

Foi o rio do tempo (como é seu
destino ir) sempre rápido, passando
e me deixou esta nesga de céu
que em teu olhar se fez sorriso brando

e me deixou, pousado sobre o meu
coração outro coração pulsando
tão suave, tão leve, doce e brando
que um coração no outro se perdeu.

Outra maré do mar do tempo, vinda
das águas numerosas do passado,
outra maré do tempo aqui é finda

depois de deixar tudo transformado:
Sem mudança, porém, persiste ainda
o meu amor por ti, de enamorado!

Farei descer um rio de silêncio
onde flutuem tímidas camélias
ao sopro suavíssimo dos ventos
do amor e partirei nas ~~as~~ pandas velas

(não do sonho, que o próprio sonho venço
e estas praias da vida são mais belas)
até onde o sorriso tens suspenso
dos lábios puros que o amor revela.

E sobre o rio que de mim se parte
até vosso sorriso, reservado
para meus olhos, flutuando desço

(ou subo?) na corrente inesperada,
buscando em vão a pura forma de arte.
E apenas meu silêncio te ofereço!

OUTROS
POEMAS

De onde vem o navio ninguém diga,
que é bom olhar seu vulto na baía,
sem poder responder à doce intriga
que tecem vento, sal e maresia.

Ele vem desse porto onde um dia
âncoras lançará minha fadiga -
- e é pelo não ~~saber~~ saber onde seria
que a beleza do incerto me fustiga.

Como as ondas fustigam o costado
deste claro navio, fundado
na azul paz da maré sem tempestade.

Como ele um dia irei, com a corrente
lá até onde as âncoras assente
para boiar nas ondas da verdade.

CANÇÃO PARA O NOVO FILHO

Já chegas, harmonia desejada!
Já do ninho de amor desabrochada
voa a ave da vida. E o coração
se nutre desse amor que é um doce pão!

Já vens como na tarde a voz do sino
que anuncia a suave noite próxima;
já nutres, como as chuvas em janeiro,
a Esperança, pela terra ressequida.

Ó vem, meu novo filho, novo safra,
do amor que semeei, pois não é safara
a terra amada em que semeei.

Vem, desejada e doce primavera,
pois já meu coração por ti se altera
sabendo que és o que de mim te dei!

Litoral Céus

espuma, espuma e pétalas de oceano!
 falecida a terra em suas dunas,
 alida, oculta a música e desmaia
 como a noiva do coração humano,
 esdumbada em ondas de ternura
 como a terra nas ondas desta praia.

Espuma, espuma! O mar, enfim, cresce
 e a onda traz o azul por sobre a areia
 a pastar e o rebento se refreia
 e logo suscitado se levanta
 pra trepucar o trigo das areias.
 O oiro mar, alva gualda tece
 e a terra se lhe junta em aliança.

Espuma, espuma e estas nuvens, dunas
 sobre o lago do céu boiando vagas
 e o sol, apaixonado, que se enfuma
 e crava suas rígidas adagas
 no coração dos olhos, que tontea
 e sangra' de vertigens fascinadas.

Ao mar! Ao mar! das nuvens galopantes!
 Ao céu, ao céu das dunas desmaiadas!